

Empresários querem Malan, Tasso ou Serra

Os três são vistos como os mais indicados para continuar trabalho de Fernando Henrique

MARCELO NETTO

O ministro da Fazenda Pedro Malan, o governador do Ceará, Tasso Jereissati, e o ministro da Saúde, José Serra, dividem a simpatia do empresariado brasileiro para a sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso. Para o banqueiro Olavo Egydio Setúbal, Malan é o nome ideal. Setúbal, no entanto, também tem simpatias por Tasso e Serra. "O Serra conseguiu aprovar algo extraordinário, pois prefeituras e Estados vão aplicar em saúde. Isto vai tornar viável o SUS", diz o banqueiro.

O presidente da Associação Comercial de São Paulo, Alencar Burti, prefere Tasso

Jereissati. Ele define o ministro da Fazenda como "muito monetarista", atributo que o desclassificaria a ocupar o cargo. "Tasso é empresário, executivo e demonstrou ter muita capacidade administrando o setor público", observa Burti. Horácio Lafer Piva, da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), acha cedo para falar em nomes.

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, apenas acha graça desses comentários. Para ele, o ano de 2001 será de muito trabalho e uma das prioridades do governo federal será fazer com que o Banco Central tenha mais liberdade operativa no ano que vem. "Isso ajudaria muito na transição para o próximo governo, qualquer que ele seja", diz Malan. Sobre seu futuro no Ministério da Fazenda ou em um outro eventual governo tucano, o ministro é enigmático. "Fiquem de olho no Arminio Fraga", diz, e encerra a conversa.

O debate estabilidade versus crescimento não é bem visto pelo empresariado. "Não consigo acreditar quando vejo políticos ainda discutindo a questão do crescimento econômico sem estabilidade da moeda. Será que o Brasil ainda vai passar por isto mais uma vez?", pergunta o presidente da Itaúsa, Olavo Egydio Setúbal. "A premissa da estabilidade é básica, fator suprapartidário. Será que vocês não estão vendo isto?"

O presidente da Fiesp, Horácio Lafer Piva, entende que o presidente Fernando Henrique não deve abrir mão do discurso da estabilidade, sob o risco de ser acusado de incoerente. "Certamente (o governo) haverá de incorporar o tema do desenvolvimento sem o que dificilmente conduzirá o processo de sucessão", observa Piva.

O presidente Fernando Henrique tem o tempo contra ele, diz o presidente da Associação Comercial de São Paulo, Alencar Burti. "Está havendo um agravamento do problema social", diz ele. "Se o povo tiver o que comer, e emprego, vai com o governo", acredita. "Caso contrário, para que estabilidade da moeda?"

Continuidade – Para o ex-ministro e economista Mailson da Nóbrega, um pré-requisito fundamental para as próximas eleições será a continuidade. "O príncipe estará eleito se atender a este discurso, ser um nome nacional, não ser velho, e não dividir a coalizão governista", diz. Crescimento econômico agregado a políticas sociais também será uma demanda fundamental da sociedade, prevê Mailson.

O cientista político Sérgio Abranches tem uma tese para explicar como a questão da continuidade vai funcionar. Ele leva em conta que 50% da população brasileira é de classe média. No passado, segundo ele, 70% da população estava vinculada ao Estado, direta ou indiretamente. Hoje, estes 70% estão vinculados ao setor privado. "Tudo mudou. Existe uma baixa estabilidade de emprego e a tendência, com isto, é o conservadorismo econômico. A classe média quer estabilidade das políticas e depender menos das oscilações de mercado", diz Abranches.

A classe média, embora seja metade da população, não é a maioria do eleitorado. Abranches considera que esse segmento representa cerca de 40% dos eleitores, "O povo

tem maior número de eleitores, mas está dividido. A nova classe média divide menos", diz.

Cansaço – Segundo Piva, a sociedade brasileira estará prestando atenção no desempenho dos candidatos da oposição. "Embora o brasileiro seja conservador, há um certo cansaço que obrigará o governo a apresentar não só resultados até 2002, como um projeto de consenso para os anos seguintes, sob o risco de abrir espaço para novos candidatos", diz o empresário.

A oposição brasileira está mudando seu discurso e diz que estabilidade da moeda e responsabilidade fiscal não são privilégios dos conservadores. "Não existe mais este diferencial, estabilidade. Nós também defendemos a estabilidade da

moeda e sempre fomos a favor do crescimento econômico com responsabilidade", diz o presidente do PPS, o senador pernambucano Roberto Freire.

Ele não acredita que a base parlamentar do governo vai permanecer unida. "Em 1998, na reeleição de Fernando Henrique, a base do governo enfrentou tremores", lembra. "Imagine agora."

O deputado petista Aloizio Mercadante (SP) diz a mesma coisa. "Vejo uma insatisfação grande na base governista, uma tensão crescente entre os partidos", diz o líder do PT na Câmara. Segundo Mercadante, o sentimento de oposição forte nas eleições municipais passadas pode influenciar a base e acabar provocando uma ruptura. "É uma questão de sobrevivência política", diz. **(Especial para a Agência Estado)**

PIVA ACHA
CEDO PARA
FALAR EM
NOMES